



AS VIRTUDES E OS VÍCIOS DOS PERSONAGENS DOS ROMANCES DE EMMANUEL

MÓDULO 1

A SAGA DO SENADOR PUBLIUS LENTULUS EM HÁ 2000 ANOS

**Encontro 6 – A vingança de
Saul**

□ [...] Antecipando-nos na cronologia de nossas narrativas, vamos encontrá-lo, daí a meses, num grande tablado, perto do Fórum, onde se alinhavam, em penosa promiscuidade, homens, mulheres e crianças, quase todos em míseras condições de nudez, tendo cada qual um pequeno cartaz pendurado ao pescoço. Olhos chispando sentimentos de vingança, lá se encontrava Saul, seminu, um barrete de lã branca a cobrir-lhe a cabeça e com os pés descalços levemente untado de gesso.

□ [...] - Atentai bem neste mancebo!
Acaba de chegar da Judeia, como o
mais belo exemplar de sobriedade
e saúde, de obediência e de força.
É uma das mais ricas amostras
deste meu lote de hoje. Reparai na
sua mocidade, ilustres romanos!...
Dar-vo-lo-ei ao preço reduzido de
cinco mil sestércios!...

■ O jovem escravo contemplou o mercador com a alma esfervilhante de ódio e alimentando, intimamente, as mais ferozes promessas de vingança. Seu semblante judeu impressionou a multidão que estacionava na praça, aquela manhã, porque um intenso movimento de curiosidade lhe cercou a figura interessante e originalíssima.

□ Um homem destacou-se da multidão, procurando o mercador, a quem se dirigiu à meia voz, nestes termos:

□ - Flacus, meu senhor necessita de um rapaz elegante e forte para as bigas dos filhos. Esse jovem me interessa. Não o darias ao preço de quatro mil sestércios?

□ - Vá lá - murmurou o outro em tom de negócio -, meu interesse é bem servir à ilustre clientela.

□ O comprador era Valério Brutus, capataz dos serviços comuns da casa de Flamínio Severus, que o incumbira de adquirir um escravo novo e de boa aparência, destinado ao serviço das bigas dos filhos, nos grandes dias das festas romanas.

¶ Foi assim que, imbuído de sentimentos ignóbeis e deploráveis, Saul, o filho de André, foi introduzido, pelas forças do destino, junto de Plínio e de Agripa, na residência da família Severus, no coração de Roma, ao preço miserável de quatro mil sestércios.

□ [...] Neste comenos, Agripa entrou na alcova, dirigindo-se ao pai,

□ afetuosamente:

□ - Meu pai, o mensageiro enviado a Massília acaba de chegar, trazendo as desejadas informações a respeito de Saul.

□ - E ele nada nos manda dizer sobre a sua vinda? - perguntou o enfermo, com bondoso interesse.

□- Não. O portador apenas comunica que Saul partiu para a Palestina, logo depois de alcançar a consolidação da sua fortuna com os últimos lucros comerciais, acrescentando haver deliberado ir à Judeia, para rever o pai que reside nas cercanias de Jerusalém.

□ - Pois sim - disse o enfermo, resignado - , a vista disso, recompensa o mensageiro e não te preocupes mais com os meus anteriores desejos.

□ Ao ouvi-los, Publius deu tratos ao cérebro para se recordar de alguma coisa que não podia definir com precisão. O nome de Saul não lhe era estranho.



□ Com a circunstância de se localizar a residência do pai nas proximidades de Jerusalém, lembrou-se, finalmente, das personagens de suas recordações, com fidelidade absoluta.

□ Rememorou o incidente em que fora obrigado a castigar um jovem judeu desse nome, nas cercanias da cidade, remetendo-o às galeras como punição do seu ato irrefletido, e recordando, igualmente, o instante em que um agricultor israelita fora reclamar a liberdade do prisioneiro, dando-o como seu filho. Experimentando um anseio vago no coração, exclamou intencionalmente:

□ - Saul? Não é um nome característico da Judeia?

□ - Sim - respondeu Flamínio com serenidade -, trata-se de um escravo liberto de minha casa. Era um cativo judeu, ainda jovem, adquirido por Valério, no mercado, para as bigas dos meninos, ao ínfimo preço de quatro mil sestércios.

□ Tão bem se houve, entretanto, nos afazeres que lhe eram comumente designados, que, após levantar vários prêmios com as suas proezas no Campo de Marte, destinados aos meus filhos, resolvi conceder-lhe a liberdade, dotando-o com os recursos necessários para viver e promover empreendimentos de sua própria conta. E parece que a mão dos deuses o abençoou no momento preciso, porque Saul é hoje senhor de uma fortuna sólida, como resultado do seu esforço e trabalho.

□ Publius Lentulus silenciou, intimamente aliviado, pois o seu prisioneiro, segundo notícias recebidas pelos prepostos do governo provincial, se havia evadido para o lar paterno, fugindo, desse modo, à escravidão humilhante.

□ Publius Lentulus silenciou, intimamente aliviado, pois o seu prisioneiro, segundo notícias recebidas pelos prepostos do governo provincial, se havia evadido para o lar paterno, fugindo, desse modo, à escravidão humilhante.

□ [...]Passavam-se os dias celeremente e, como somos obrigados a caminhar em nossa história na companhia de todas as personagens, devemos registrar que, em se vendo completamente abandonada pelo homem de suas preferências, Aurélia, ralada de venenoso despeito, resolvera aceitar a mão abnegada e afetuosa que o jovem Emílio Lúcios lhe oferecia.

☐ Fúlvia, que acompanhara a luta silenciosa, intoxicada pelos seus sentimentos inferiores, deliberou aguardar o tempo, para exercer as suas sinistras represálias.

☐ E, em tempo breve, o casamento de Plínio e Flávia realizava-se com suntuosidade discreta, no palácio do Aventino.

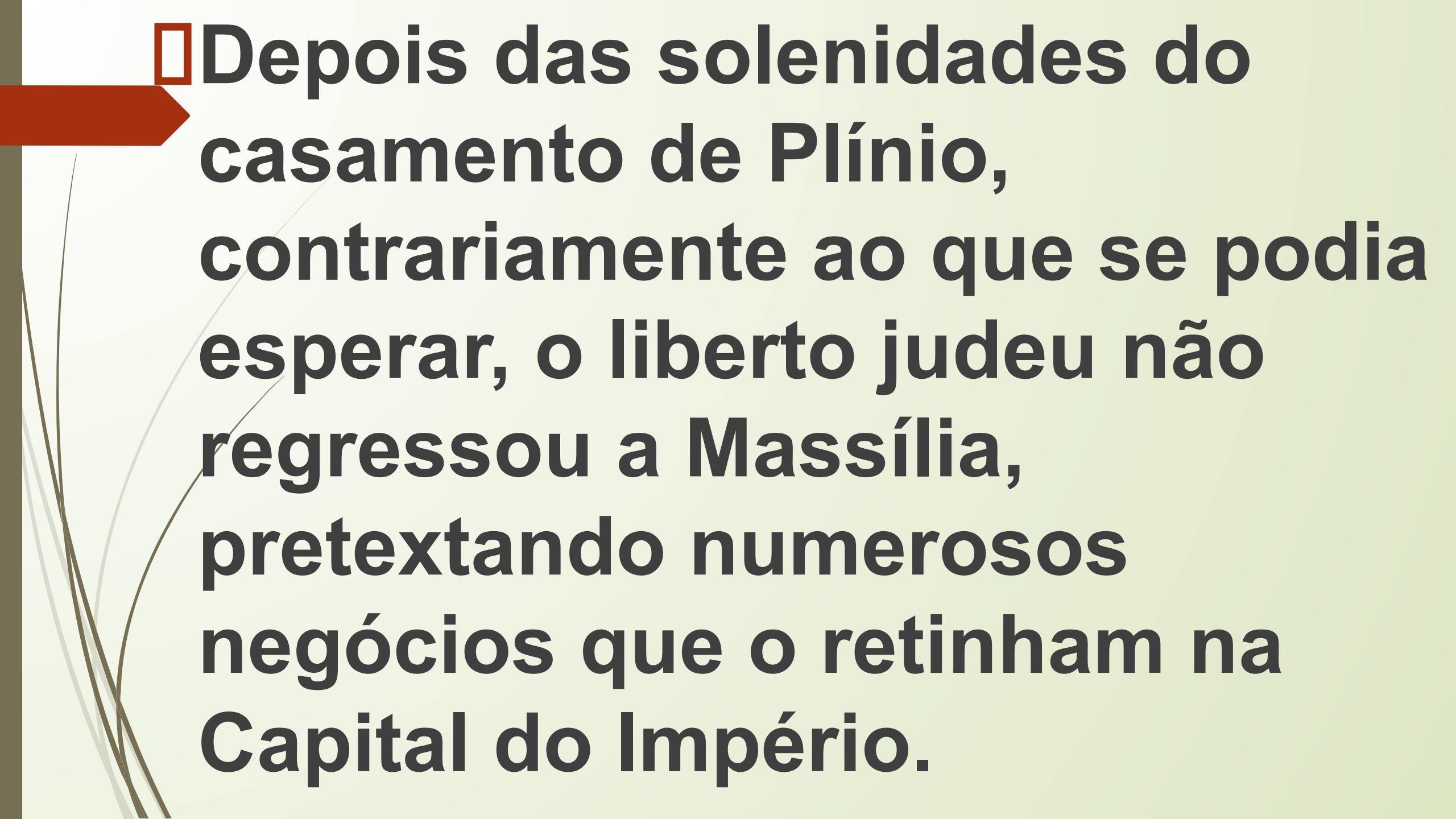
□ O noivo, cheio de galardões militares e títulos honoríficos, bem como a futura companheira, tocada de formosura indefinível e de adorável simplicidade, sentiam-se venturosos como se a felicidade perfeita se resumisse tão somente na eterna fusão de seus corações e de suas almas. Aquele dia, indubitavelmente, assinalava a hora mais sagrada e mais formosa dos seus destinos.

□ Na assistência reduzidíssima, que se compunha de relações da maior intimidade, notava-se a presença de um homem ainda jovem, que representava uma figura saliente naquele quadro, caracterizado, essencialmente, de acordo com a época.

□ Seus olhos impetuosos e ardentes haviam pousado sobre a noiva com misterioso e estranho interesse.

□ Esse homem era Saul de Gioras, que, abandonando o sobrenome paterno, exibia agora uma nova denominação romana, segundo antiga autorização de Flamínio, de modo a valorizar, cada vez mais, a expressão social da sua fortuna.

Debalde, o senador fez o possível para identificar aquele judeu, que se lhe figurava um velho conhecido pessoal. Saul, porém, reconhecera o seu verdugo de outrora; reconheceu e guardou silêncio, serenando as grandes emoções do seu foro íntimo, porque, qual o pai, tinha o coração mergulhado nos propósitos tenebrosos de uma vindita cruel.



□ Depois das solenidades do casamento de Plínio, contrariamente ao que se podia esperar, o liberto judeu não regressou a Massília, pretextando numerosos negócios que o retinham na Capital do Império.

Instalado no palacete dos Severus, para onde se haviam transferido os jovens nubentes, junto de Calpúrnia, Saul teve oportunidades numerosas de se avistar com o senador Publius Lentulus, mantendo ambos várias palestras sobre a Judeia e as suas regiões importantes.

Instalado no palacete dos Severus, para onde se haviam transferido os jovens nubentes, junto de Calpúrnia, Saul teve oportunidades numerosas de se avistar com o senador Publius Lentulus, mantendo ambos várias palestras sobre a Judeia e as suas regiões importantes.

■ Intrigado com aquele olhar ardente e aqueles traços fisionômicos, que lhe não eram totalmente estranhos, e lembrando-se perfeitamente daquele pai que o procurara ansioso e aflito, em Jerusalém, acompanhamos o senador em uma de suas palestras íntimas com o interessante desconhecido, na qual o abordou com esta pergunta inesperada:

□- Senhor Saul, já que sois filho das cercanias de Jerusalém, vosso pai, porventura, não se chamaria André de Gioras?

□ O liberto mordeu os lábios, diante daquele ataque direto ao assunto mais delicado da sua existência, respondendo dissimuladamente:

□ Não, senador. Meu pai não tem esse nome. Ao tempo em que fui escravizado por mãos impiedosas e cruéis, porquanto eu não era senão uma criança mal educada e irresponsável - acentuou com profunda ironia - , meu pai era um agricultor miserável que não possuía outra coisa além dos seus braços para o trabalho de cada dia...

□ Tive, contudo, a felicidade de encontrar as mãos generosas de Flamínio Severus, que me guiaram para a liberdade e para a fortuna e, hoje, o meu genitor, com o pouco que lhe forneci, aumentou as suas possibilidades de trabalho, desfrutando não somente certa importância social em Jerusalém, como também funções superiores no Templo.

□ **Mas, porque mo perguntais?**

■ O senador franziu o sobrolho, em face de tanta desenvoltura na resposta, mas, sentindo-se aliviado, por lhe parecer que não se tratava, de fato, do Saul de suas penosas lembranças, respondeu com mais desafogo de consciência:

☐- É que eu conheci, ligeiramente, um agricultor israelita, por nome André de Gioras, cujos traços fisionômicos não eram muito diversos dos vossos...

☐ E a conversação seguia o ritmo normal das conversações sem importância nos ambientes de convencionalismo da vida social.

□ Saul, entretanto, deixava transparecer fulgor estranho no olhar, como quem se encontrava extremamente satisfeito com o destino, à espera de um ensejo para executar seus tenebrosos planos de vingança.

Um móvel oculto e inconfessável o retinha em Roma, quando numerosas operações comerciais requeriam sua presença em Massília, onde seu nome se radicara a grandes interesses de ordem financeira e material. Esse móvel era o intenso desejo de se fazer notado pela jovem esposa de Plínio, cujo olhar parecia atraí-lo para um abismo de amor violento e irreprimível.

□ Desde o instante em que a vira com os adornos do noivado, no dia venturoso de seu enlace, parecia haver lbrigado a criatura ideal dos seus sonhos mais íntimos e remotos.

□ Na realidade, os filhos de seus antigos senhores mereciam o seu respeito e o maior acatamento; todavia, uma força maior que todos os seus sentimentos de gratidão o levava a desejar a posse de Flávia Lentúlia, a qualquer preço, ainda que fosse o da própria vida.

DE foi engolfado nesse turbilhão de pensamentos sombrios que dois meses se passaram, de expectativas inconfessáveis e angustiosas, sem que perdesse a mais ligeira oportunidade para demonstrar a Flávia o grau do seu afeto, da sua admiração e estima, sob as vistas amigas e confiantes de Plínio.

□ Na soledade de suas preocupações íntimas, considerava Saul que, se ela o amasse, se correspondesse à afeição violenta do seu espírito impetuoso e egoísta, jamais se lembraria de exercer a planejada vingança sobre o coração de seu pai, indo buscar o jovem Marcus Lentulus para o lar paterno e liquidando o pretérito de visões tenebrosas; contudo, se acontecesse o contrário, executaria os seus diabólicos projetos, deixando-se embriagar pelo vinho odiento da morte.

□ Em vão desposara Aurélia a Emiliano Lúcios, que, para ela, não representava de modo algum o tipo do homem que o seu temperamento supunha haver encontrado no filho mais moço de Flamínio.

□ E foi assim que, depois dos primeiros desencantos e atritos no ambiente doméstico, a conselho da mãe e na sua própria companhia, procurou recorrer às ciências estranhas de Araxes, célebre feiticeiro egípcio, que tinha uma loja de mercadorias exóticas nas proximidades do Esquilino.

□ Araxes, cujo comércio criminoso todos conheciam como fonte inesgotável de filtros milagrosos do amor, da enfermidade e da morte, era um iniciado do antigo Egito, desviado, porém, da missão sacrossanta da caridade e da paz, na sua violenta paixão pelo dinheiro da numerosa clientela romana, então em pletora de vícios clamorosos e na dissolução dos mais belos costumes do sagrado instituto da família.

Explorando-lhe as paixões inferiores e os hábitos viciosos, o mago egípcio empregava quase toda a sua ciência espiritual na execução de todos os malefícios e crimes, motivando enormes danos com as suas drogas venenosas e seus estranhos conselhos.

□ Procurado, discretamente, por Fúlvia e a filha, inteirou-se dos fins da visita e ali mesmo, entre grandes retortas e pacotes de plantas e substâncias diversas, mergulhou a cabeça nas mãos, como se o seu espírito estivesse devassando os menores segredos do mundo invisível, ante uma trípode e outros petrechos de ciências ocultas, com que ele, psicólogo profundo, buscava impressionar a mente suggestionável dos consultentes numerosos que lhe solicitavam a solução dos problemas da vida.

■ Ao cabo de longos minutos de concentração, com os olhos a brilhar estranhamente, o mago egípcio dirigiu-se a Aurélia, afirmando-lhe em palavras impressionantes:

□ Senhora, vejo à minha frente dolorosos quadros da sua vida espiritual, no passado longínquo!... Vejo Delfos, nos dias gloriosos do seu oráculo e contemplo a sua personalidade buscando seduzir um homem que lhe não pertencia... Esse homem é o mesmo da atualidade... As mesmas almas perambulam agora em outros corpos e a senhora deve pensar na realidade dos dias que se passam, conformando-se com a nítida separação das linhas do destino!...

□ Aurélia ouvia, entre surpresa e assombrada, enquanto a alma arguta de sua mãe acompanhava a palestra, tocada de impressão indefinível.

□ - Que me dizeis? - replicou a jovem senhora, no auge da sua sensibilidade ferida. - Outras vidas? Um homem que não me pertencia?... Que vem a ser tudo isso?

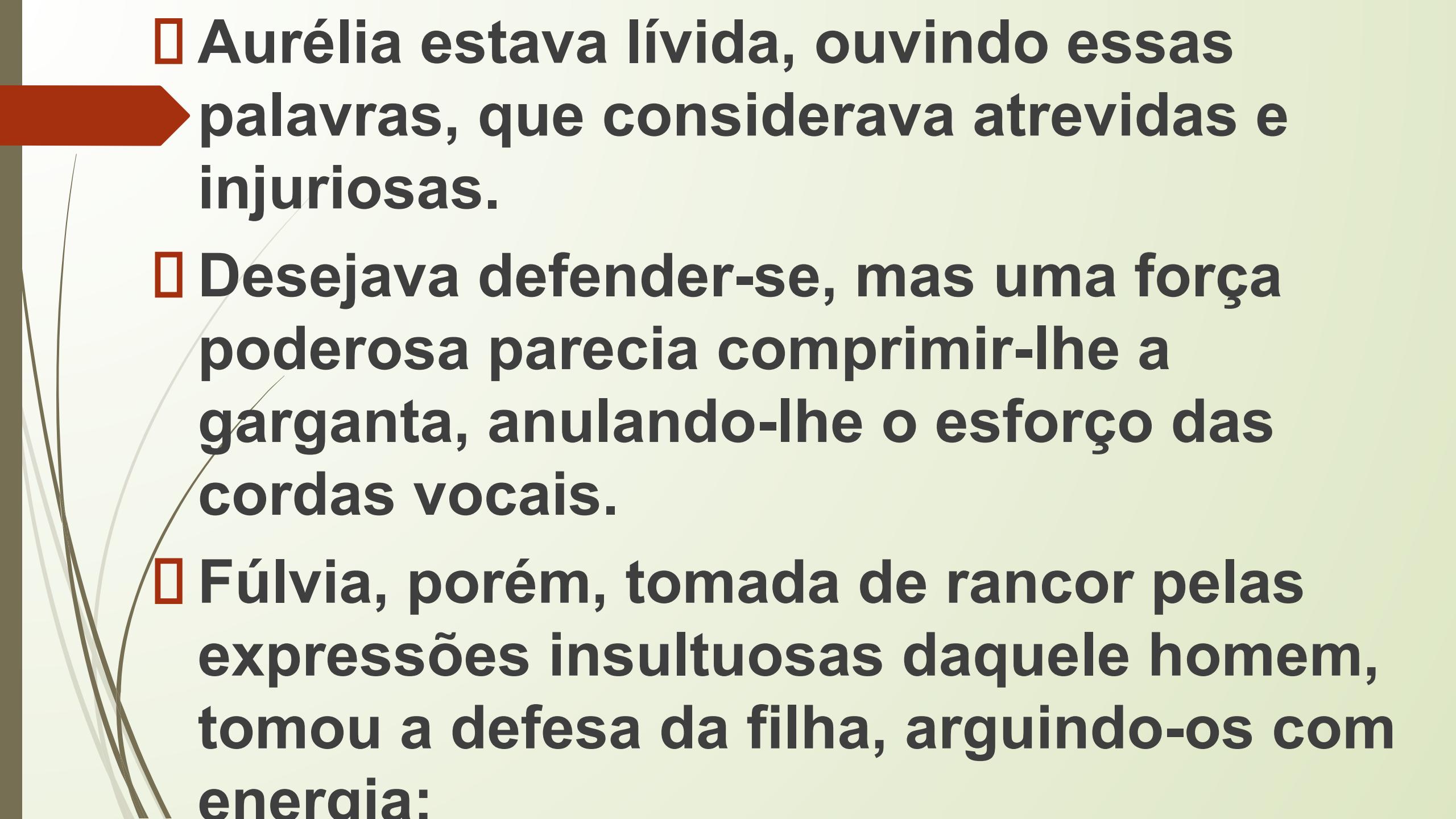
□- Sim, nosso espírito, neste mundo - redarguiu o feiticeiro, com imperturbável serenidade -, tem longa série de existências, que enriquecem o nosso íntimo com o máximo de conhecimento sobre os deveres que nos competem na vida!

■ A senhora já viveu em Atenas e em Delfos, numa grande fase de profundas irreflexões em matéria de amor, e, sentindo-se hoje próxima do objeto de suas ardentes e pecaminosas paixões de outrora, julga-se com as mesmas possibilidades de satisfazer seus desejos violentos e indignos!...

□ Por aqui, hão passado inúmeras criaturas. A muitas aconselhei perseverança nos propósitos, por vezes injustificáveis e inferiores; mas, para o seu caso, há uma voz que fala mais alto à minha consciência. Se a sua irreflexão for ao ponto de provocar esse homem, em consciência honesto até agora, é possível que o seu coração também inquieto venha a corresponder aos seus caprichos;

□ contudo, busque não se entregar ao desvario dessa provocação, porque o destino o reuniu, agora, à alma gêmea da sua e um caminho áspero de provações amargas os espera no futuro, para a consolidação da sua confiança mútua, da sua afeição e da sua grandeza espiritual!... Não se interponha no caminho dessa mulher considerada pelo seu espírito como poderosa rival!...

□ Interpor-se entre ela e o esposo seria agravar a senhora as suas próprias penas, porque a verdade é que o seu coração não se encontra preparado para as grandes renúncias santificantes, e aquilo que supõe ser profundo e sublimado amor, nada mais é que capricho prejudicial do seu coração de mulher voluntariosa e pouco disposta a sacrificar-se pelo carinho de companheiro amoroso e leal, mas, sim, a multiplicar os amantes pelo número de suas vontades artificiais...

- 
- ☐ Aurélia estava lívida, ouvindo essas palavras, que considerava atrevidas e injuriosas.
 - ☐ Desejava defender-se, mas uma força poderosa parecia comprimir-lhe a garganta, anulando-lhe o esforço das cordas vocais.
 - ☐ Fúlvia, porém, tomada de rancor pelas expressões insultuosas daquele homem, tomou a defesa da filha, arguindo-os com energia:

☐- Araxes, feiticeiro impudico, que queres dizer com estas palavras? Insultas-nos? Poderemos fazer cair sobre tua cabeça o peso da justiça do Império, conduzindo-te ao cárcere e revelando à sociedade os teus sinistros segredos!.

☐ - E porventura não os tereis também, nobre senhora? - revidou ele imperturbavelmente -; estaríeis, assim, tão sem culpa, para não vacilar em condenar-me?

☐ Fúlvia mordeu os lábios, tremendo de ódio e exclamando com fúria:

☐ - Cala-te, infame! Não sabes que tens diante dos olhos a esposa de um pretor?

□- Não me parece - murmurou o feiticeiro, com serena ironia -, pois as nobres matronas dessa estirpe não viriam a esta casa solicitar minha cooperação para um crime... E, ao demais, que diriam em Roma de uma patrícia, que descesse ao extremo de procurar, na intimidade, um velho feiticeiro do Esquilino?



É verdade que muitos males
tenho praticado na minha vida,
mas, sabem-no todos que
assim procedo e não busco a
sombra das boas situações
sociais para acobertar a
hediondez da minha miserável
existência!...

¶ Ainda assim, quero salvar a mocidade de tua filha do lóbrego caminho de tuas perversidades, porque na hipótese de seguir-te ela os coleios de víbora, na senda de esposa criminosa e infiel, seu único fim será a prostituição e o infortúnio, rematados com a morte ignominiosa na ponta de uma espada...

□ Fúlia desejou revidar energicamente aos insultos de Araxes, repelindo aquelas expressões injuriosas, recebidas como atrevimento supremo, mas Aurélia, receosa de novas complicações e compreendendo a culpabilidade de sua mãe, tomou-lhe do braço, retirando-se ambas silenciosamente, sob o olhar zombeteiro do velho egípcio, que voltara a empilhar pacotes de plantas entre numerosos vasos de substâncias estranhas.

- Pouco tempo, contudo, pôde ele empregar na sua faina solitária e silenciosa.
- Dentro de duas horas, nova personagem lhe batia à porta.
- Araxes surpreendeu-se à vista daquele judeu insinuante que o procurava. O brilho dos olhos, o nariz característico, a harmonia dos traços israelitas, faziam daquele homem, ainda jovem, uma figura singular e sugestiva.

□ Era Saul, que recorria aos mesmos processos misteriosos, na ânsia de possuir, a qualquer preço, a esposa de Plínio, buscando o talismã ou o elixir miraculoso do feiticeiro, a serviço de suas pretensões descabidas.

□ Recebido nas mesmas circunstâncias em que o foram as duas personagens do nosso penoso drama, Saul expunha ao adivinho as suas torturas amorosas, junto daquela mulher honesta e digna.

Após a habitual concentração, já do nosso conhecimento, junto da trípode em que fazia as orações costumeiras, Araxes esboçou leve e discreto sorriso, como quem havia encontrado mais uma estranha coincidência nos seus amplos estudos da psicologia humana. Sua hesitação, todavia, durou poucos instantes, porque, em breve, se fazia ouvir com voz pausada e soturna:

☐ - Judeu! - disse ele austeramente - louva o Deus de tuas crenças, porque tua face foi erguida do pó pelas mãos do homem que hoje te empenhas em trair... Mandam as leis severas da tua pátria que não venhas a desejar, nem mesmo por pensamentos, a mulher do teu próximo e muito menos a companheira devotada e fiel de um dos teus maiores benfeiteiros.

☐ Dá um passo atrás no teu triste e mal-aventurado caminho! Houve tempo em que teu Espírito viveu no corpo de um sacerdote de Apolo, no templo glorioso de Delfos... Perseguiste uma jovem mulher dos mistérios sagrados, conduzindo-a à miséria e à morte, com os teus desvarios nefandos e dolorosos.

☐ Não ouses, agora, arrancá-la
dos braços destinados ao seu
amparo e proteção, à face deste
mundo!... Não te intrometas no
destino de duas criaturas que
as forças do céu talharam uma
para a outra!...

□ O moço judeu, todavia, apesar de impressionado com aquela exortação incisiva, não seguia a orientação violenta das duas mulheres que o precederam na misteriosa visita.

□ Arrancando uma bolsa de moedas, acariciou-a nas mãos como a excitar a concupiscência do adivinho, exclamando com voz quase súplice:

□- Araxes, eu tenho ouro... muito ouro, e dar-te-ei o que quiseres, pelo valioso auxílio da tua ciência... Pelo amor de teus deuses, consegue-me a simpatia dessa mulher e recompensar-te-ei generosamente a preciosidade dos esforços despendidos

□- Araxes, eu tenho ouro... muito ouro, e dar-te-ei o que quiseres, pelo valioso auxílio da tua ciência... Pelo amor de teus deuses, consegue-me a simpatia dessa mulher e recompensar-te-ei generosamente a preciosidade dos esforços despendidos

□ Os olhos do mago egípcio faiscaram ao clarão de sentimento estranho, contemplando a bolsa em forma de cornucópia, reluzente de ouro, como se a desejasse intensamente, murmurando com mais delicadeza:

□ - Meu amigo, essa mulher não é cobiçada tão somente por ti e suponho que deverias contribuir para que ela não se afastasse da companhia do esposo!...

□ - Mas, existe, então, ainda outro homem?

■ - Sim, revelam-me os signos do destino que essa criatura é também desejada pelo irmão do marido.

□ Saul fez um gesto de enfado, como quem se sentia amargamente atormentado pelos mais acerbos ciúmes, murmurando entre dentes:

□ - Ah! sim... agora entendo melhor a viagem precipitada de Agripa, em busca de Avênio!...

□ E, elevando a voz como quem estivesse jogando a derradeira cartada da sua ambição, falou com ansiedade:

□- Araxes, peço-te ainda uma vez!... Faze tudo!... pagar-te-ei regiamente!...

□ A fronte do mago curvou-se de novo, em atitude de profunda meditação, como se o espírito buscasse, no invisível, alguma força tenebrosa, propícia aos seus sinistros desígnios.

□ Ao cabo de alguns minutos, tornou a dizer em tom benevolente e amigo:

□ - Parece que haverá uma oportunidade para a sua afeição, daqui a algum tempo!...

□ O moço judeu ouvia-o com angustiosa expectativa, enquanto as afirmações continuavam:

□ - Dizem os signos do destino que os dois cônjuges, para consolidação de sua profunda afeição, de sua confiança recíproca e progresso espiritual, estão destinados a dolorosas provas daqui a alguns anos! Dar-se-á alguma coisa que os separará dentro do próprio lar, sem que eu possa precisar o que seja.

Sei, tão somente, que cumpre a ambos um grande período de ascetismo e dolorosa abnegação, no instituto sagrado da família... Nessa ocasião, talvez, quem sabe, poderá o meu amigo tentar essa afeição ardentemente cobiçada!...

□ - Dar-se-á, então, alguma coisa? - perguntou Saul, curioso e aflito, nas suas perquirições do assunto transcendente - mas que poderá acontecer que os separe no ambiente doméstico?

- - Eu mesmo não saberia dizê-lo...
- - E cada qual será obrigado a um ascetismo fiel e a uma dedicação inquebrantável?

□ - Manda o determinismo do destino que assim seja, mas não só o esposo, como a companheira, podem interferir nessas provas, contraindo novo débito moral, ou resgatando o passado doloroso com o preciso valor moral nos sofrimentos, empregando, no determinismo das provações purificadoras, sua boa ou má vontade... Saiba que as tendências humanas são mais fortes para o mal, tornando-se possível que as suas pretensões sejam satisfeitas nessa época.

□ - E quanto tempo deverei esperar para que isso aconteça? - perguntou o liberto, fundamentalmente preocupado.

□ - Alguns anos.

□ - E será inútil tentar qualquer esforço antes disso?

□ - Perfeitamente inútil. Sei que o nobre cliente tem numerosos interesses numa cidade distante e é justo que, neste intervalo, cuide dos seus negócios materiais.

☐ - E será inútil tentar qualquer esforço
antes disso?

☐ - Perfeitamente inútil. Sei que o nobre
cliente tem numerosos interesses numa
cidade distante e é justo que, neste
intervalo, cuide dos seus negócios
materiais.

☐ Saul fixou detidamente aquele homem que
parecia conhecer os mais recônditos
segredos da sua vida, passando as suas
observações pelo crivo da consciência.

- Deu-lhe a bolsa recheada, agradecendo a atenção e prometendo voltar em tempo oportuno.
- Daí a alguns dias, o moço judeu, nas vésperas da despedida, aproveitando alguns minutos de pura e simples intimidade com a jovem Flávia, dirigia-lhe a palavra nestes termos:

□- Nobre senhora - começou em voz quase tímida, mas com o mesmo clarão estranho de sentimentos inferiores a lhe irradiar dos olhos -, ignoro a razão do fato íntimo que vos vou revelar, mas a realidade é que vou partir para Massília, guardando a vossa imagem no mais recôndito escaninho do meu pensamento!...

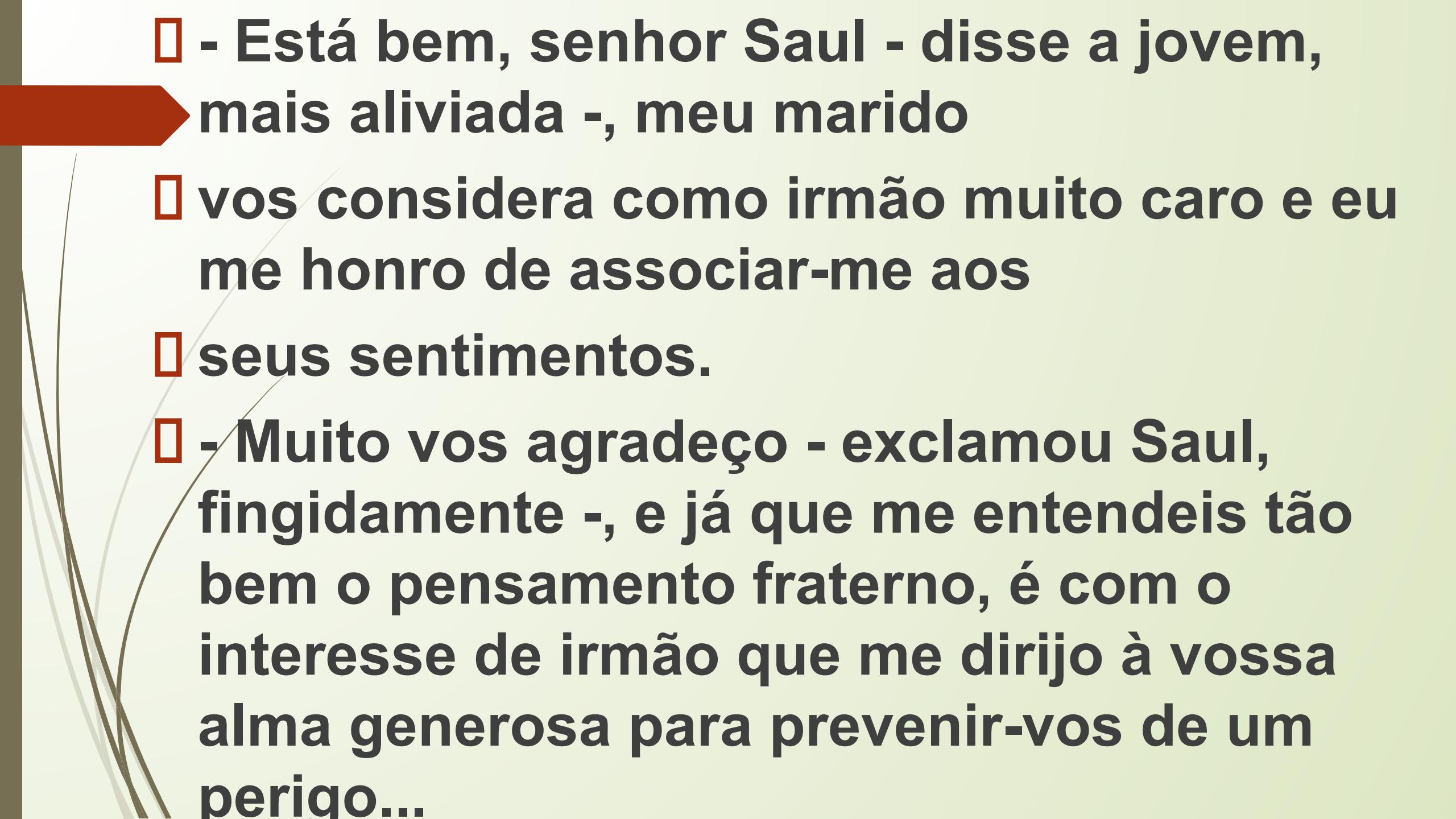
□- Senhor - disse-lhe Flávia Lentúlia, corando, acabrunhada -, devo viver tão só no pensamento daquele com quem os deuses iluminaram o meu destino!...

□- Nobre Flávia - revidou o judeu arguto, percebendo que o golpe era prematuro e inoportuno -, minha admiração não se prende a qualquer sentimento menos digno.

Para mim, sois duplamente respeitável, não somente pela vossa alta condição de patrícia, como também pela circunstância de serdes a companheira de um dos maiores benfeiteiros de minha vida.

□ Ficai tranquila quanto às minhas palavras, porque em meu coração só existe o mais leal interesse pela vossa felicidade pessoal, junto do digno esposo que escolhestes.

□ Sinto por vós o que um escravo deve sentir por uma benfeitora de sua existência, já que, na minha triste condição de liberto, não posso apresentar-me à vossa generosidade com as credenciais de irmão que muito vos venera e estima.

- 
- - Está bem, senhor Saul - disse a jovem, mais aliviada -, meu marido
 - vos considera como irmão muito caro e eu me honro de associar-me aos
 - seus sentimentos.
 - - Muito vos agradeço - exclamou Saul, fingidamente -, e já que me entendéis tão bem o pensamento fraterno, é com o interesse de irmão que me dirijo à vossa alma generosa para prevenir-vos de um perigo...

□- Um perigo?... - perguntou Flávia, aflita.

□- Sim. Falo-vos confidencialmente, solicitando que guardéis o máximo segredo desta confidênciia fraternal.

□E, enquanto a jovem o escutava com a maior atenção, Saul continuou com as suas pérfidas insinuações.

□- Sabeis que Plínio foi quase noivo da filha do pretor Sálvio Lentulus, vosso tio, hoje casada com Emiliano Lúcios?

□- Sim... - replicou a pobre senhora, de alma oprimida.

□- Pois devo avisar, como irmão, que vossa prima Aurélia, a despeito dos seus austeros compromissos matrimoniais, não renunciou ao homem de suas antigas preferências; hoje fui cientificado, por um amigo, de que ela tem recorrido a diversos feiticeiros de Roma, com o fim de reaver o seu afeto de outrora, a qualquer preço!...

Ouvindo essas pérfidas palavras, Flávia Lentúlia experimentou o primeiro espinho da sua vida conjugal, sentindo-se intimamente torturada pelo mais acerbo ciúme.



Plínio resumia todo o seu idealismo e toda a sua felicidade de mulher jovem.

Depositara no seu coração todos os sonhos femininos, todas as suas melhores e mais florentes esperanças.

□ Plínio resumia todo o seu idealismo e toda a sua felicidade de mulher jovem. Depositara no seu coração todos os sonhos femininos, todas as suas melhores e mais florentes esperanças.

■ Assaltada pela primeira contrariedade da sua vida social, na grande cidade de seus pais, sentia, naquele instante, a sede devoradora de um esclarecimento amigo, de uma palavra carinhosa que viesse restabelecer o equilíbrio do coração, agora turbado pelos primeiros dissabores.

□ Faltava-lhe alguma coisa que pudesse completar as nobres qualidades do seu coração de mulher, alguma coisa que devia ser a atuação materna na sua educação, porque Publius Lentulus, na sua cegueira espiritual, lhe moldara o caráter no orgulho da estirpe, nas tradições vaidosas dos antepassados, sem desenvolver as suas qualidades de ponderação, que a influência de Lívia criaria, certo, para notáveis florações do sentimento.

■ A jovem patrícia sentiu o coração despedaçado por um ciúme quase feroz; mas, compreendendo os deveres que lhe competiam em tais conjunturas, recobrou a precisa energia moral para reagir naquele primeiro embate de provas, respondendo ao moço judeu e fazendo o possível por afetar o máximo de severa e tranquila nobreza:

□ - Agradeço, penhorada, o interesse de
vossa comunicação; todavia, nada me
autoriza a suspeitar da consciência
retilínea de meu esposo, mesmo porque
**Plínio resume todos os meus ideais de
esposa e de mulher!**

□ - Senhora - revidou o judeu, mordendo os
lábios -, o espírito feminino, na sua
fertilidade de imaginação, alheio à vida
prática, pode enganar-se muitas vezes,
pelas aparências...

☐ Folgo de ouvir-vos e louvo a vossa ilimitada confiança; porém, quero fiqueis convencida de que, a qualquer tempo, encontrareis em mim um sincero defensor da vossa felicidade e das vossas virtudes!...

☐ Isso dizendo, Saul de Gioras apresentou atenciosas despedidas, deixando a pobre moça com as suas impressões de surpresa e amargura.



PROJETO

ESPIRITIZAR

Qualificar e Humanizar para Espiritizar

